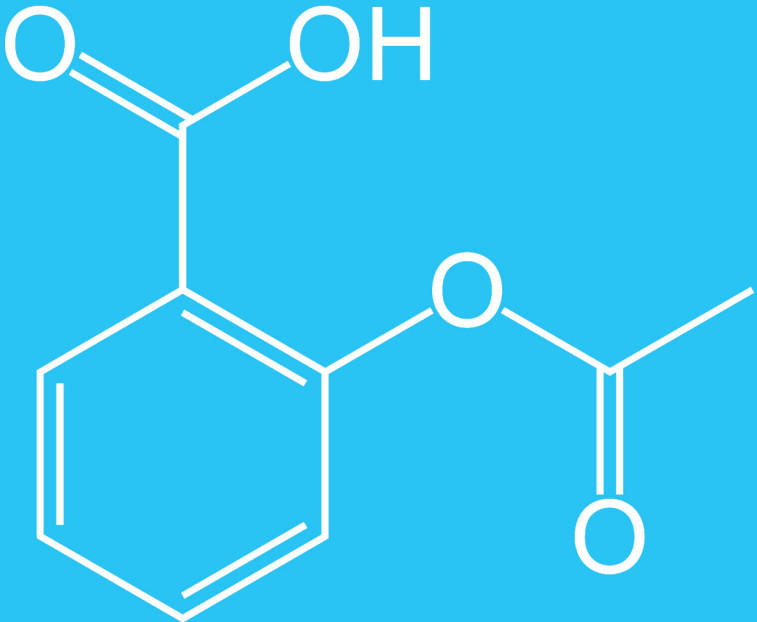
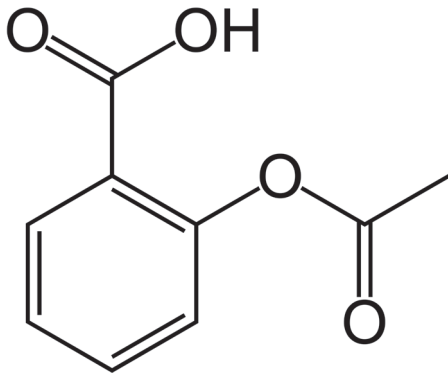


anti-heróis & aspirinas

yury hermuche



A aspirina é um pó branco e cristalino, com ponto de fusão a 135 graus celsius, também conhecido como ácido acetilsalicílico. É vendido compactado em pastilhas. Sua fórmula química é $C_9H_8O_4$ e é assim que os átomos são combinados:



Não sei ainda descrever o que realmente é, toda vez que venho aqui sinto algo estranho. As coisas deixam de ser o que elas sempre foram, embora nada realmente mude. Como se visitasse um outro país e testemunhasse costumes incompreensíveis. Nada parece fazer sentido. No entanto, estou exatamente no mesmo lugar. Quando parece que todas as ruas

acabam aqui, eu entro, compro meu ticket, avanço alguns passos e tudo fica mais pesado. Até o ar. Aos poucos, os objetos ao redor se revelam, e homens e mulheres também, imóveis e suspensos, em um silêncio colossal. Como se o tempo deixasse de existir. Não há qualquer possibilidade de fuga. Eu me sinto em uma prisão. Tomo minha aspirina. E espero. Lentamente as luzes vão se enfraquecendo, até serem desligadas por completo. Daqui a pouco eu não vou sentir mais nada.

O filme começa. Closes de pessoas em um lugar escuro. Elas olham para mim, nos meus olhos. Com tanta intensidade quanto possível. Elas olham para dentro dos meus olhos e me invadem. Eu me perco nos seus olhares. Nós nos investigamos, nos encaramos. O quadro se abre um pouco mais e percebo que estamos todos em uma sala de cinema. O personagem olha para as pernas da mulher ao lado. Ela assiste à projeção com atenção. A respiração intensa do corpo reage às imagens e eu ouço seus suspiros densos. Ela é muito bonita. Eles estão de mãos dadas. Ela tem cabelos negros, que se dobram em cachos, desenhando espirais na tela, e eu me perco nelas. Há um fenda irresistível em seu vestido. Sua imagem é como seda. Seus olhos também. Estou dentro do filme. Eu vivo o filme. Vejo através dele. Ela o beija no rosto. Alguém sussurra perto

de mim. Ao redor, as pessoas também assistem ao filme atentas. Vidradas. Ouço sua respiração. Está frio. Estamos todos imóveis. Na fileira à minha frente, outra mulher captura a minha atenção. Seus dedos deslizam, em um movimento lento e arrastado, pelas linhas da nuca. É possível sentir a pele fina. As nuances se alimentam da pouca luz. A projeção domina a paisagem com suas cores fortes. Estamos dentro do filme e ele nos arrasta consigo para onde for, pois as cenas são irresistíveis. Parece que não tenho mais controle sobre o que vejo, sobre quem sou. Parece que as imagens vivem por mim. Elas me levam, raptam a minha imaginação. Impõem-se com facilidade. As imagens devoram. São viciantes. E aquelas pernas lindas. Firmes. As imagens expulsam-nos de nós mesmos. Eu me ouço ofegante e perdido neste fluxo. Que sorriso. E que nuca! É tão violento. Eu poderia morder e beijar aquela mulher por noites seguidas. Ela me hipnotiza. E seu olhar é intoxicante. A tela brilha nos seus olhos.

É um alívio imediato. Viajo pelo tempo e pelo espaço. É absolutamente viciante. Tomo minha aspirina e adeus. Parece que é possível voar. Deslizo pelas imagens. Elas me mostram paisagens que nunca visitei. É muito sensual. Muito. Algo me domina. Tudo faz sentido no filme. O mundo faz sentido. Sua trama me envolve, aceito sua realidade à medida

que as imagens me carregam. Há tantas semelhanças com a vida lá fora. Isso me confunde. Eu reconheço a paisagem, os objetos, alguns sentidos. Mas a coisa toda é diferente. É diferente, mas não sei ainda o quanto. É sutil. Confunde. Eu não consigo pensar, é tudo tão rápido. Eu aceito. Quando estou entediado, vou ao cinema e escolho qualquer filme. De alguma forma, deixo de ser quem eu sou. São duas horas que eu não vivo. Estou livre. É quando eu desisto de resistir, quando aceito tudo. É leve. Parece leve. Parece que posso fazer o que quero. Que tenho opções. Vivo a profissão que escolhi, escolho o apartamento que posso pagar. É surreal. O cinema me derruba. Ele vence com um poder esmagador. Ele apaga a minha experiência e me guia por imagens novas. Travelings. Cortes. Flashbacks. Sons. É a única experiência tão sedutora quanto o sexo, com suas explosões e câmera lenta. Porém, intoxica. Acaba com você. E você se entrega totalmente, pois é muito difícil escapar. Os filmes deformam a minha percepção. Anestesianam. Encantam. Me ensinam a aceitar tudo. Eles se impõem com uma voracidade asfíxiante. Eu deveria evitar ao máximo. Mas nem sempre consigo. É estimulante. Vivo aventuras. Romances. Aprendo a desejar o que os personagens desejam. Passeio meus olhos pelos lugares que eles visitam, coleciono memórias que não são minhas. É um transe.

Alice não tem isso. É um dos motivos pelos quais a admiro tanto. Ela escapou. Não se deixa dominar. Abusa dos outros sentidos, não se contamina facilmente. E eu aprendo muito com ela. Eu a observo. Ela diz o essencial. Cada palavra é perfeita. Pois ela precisa ouvir. Está ligada no que está acontecendo. Ela se comporta de uma forma totalmente cool, é discreta. Percebe. Analisa. Está atenta às entrelinhas. Não se deixa comover com as imagens.

Quando as luzes retornam é muito triste — o encantamento se perde. Encontro-me novamente naquela situação em que a única ação possível é esperar pela próxima sessão. Estou de volta. Em uma sala, ou cela, chame como quiser. Na realidade. Posso ver com meus próprios olhos agora, porém eles já não são apenas meus: o cinema injeta imagens nas minhas pupilas, e dali assalta meu cérebro. O filme me anula a cada quadro. Destrói quem eu sou em dois segundos. E isso dura duas horas. É incrível. Eles são muito espertos. Eu não volto sozinho. As imagens vêm comigo. E viverei preso a elas dali para a frente. Como fantasmas. Ou memórias. Elas ocupam espaço. Bem no centro dos meus pensamentos, elas pesam. É mais difícil seguir meu caminho depois da projeção, pois as imagens deturpam meus sentidos. Sem as aspirinas, eu provavelmente não conseguiria mais.

Às vezes preciso me desligar. Esquecer. É tudo tão absurdo. A pressão é enorme. A realidade pesa. Nada parece ser verdade. Não pode ser. Durante muitos anos eu me perguntava o que é que estava errado. Este desconforto. De onde vinha? Parecia ser só meu. Eu indagava às pessoas. Mas elas não sabiam do que eu estava falando. Até o ponto em que parei de falar sobre o assunto. Ninguém notava. Como era possível?

Ouçõ as pessoas falando e sempre tenho a sensação de estar assistindo a um filme. Elas estão ali, mas não estão. Perderam aquele brilho nos olhos. Raramente parecem pensar no que estão fazendo, chego a me perguntar se não estão apenas representando papéis. Elas falam de personagens como se fossem amigos. Vestem-se como seus heróis. Amam aquilo que as domina. Eu me sinto preso, mas todas essas pessoas estão em casa, este é o mundo delas, feito para elas. Cansei de abrir os jornais, todos os dias alguém mata por dinheiro.

As pessoas na sala de cinema. Elas estão todas mortas. A cada novo filme, deixam de existir um pouco mais. Ficam cada vez mais incomunicáveis, distantes, vazias. Elas falam do filme após a sessão, mas na verdade estão apenas repetindo o que viram e ouviram. E isso não acontece apenas no cinema.

Acontece em todos os lugares. Estou nesta sala com mais vinte pessoas; mas, lá fora, milhões estão sendo desligadas por suas telas. No filme o personagem já matou sete e nem se passaram trinta minutos de projeção. Você aceita as regras do jogo para tentar ganhar — mas já está completamente perdido antes mesmo de começar. Os filmes têm este poder. Investem contra o nosso juízo. Não percebemos mais o mundo direito. Não prestamos atenção em mais nada. Apenas olhamos para as imagens.

Adoramos tudo, amamos qualquer coisa, odiamos o que quiserem, quando quiserem. Deve ser este o motivo pelo qual as pessoas não se comportam como se estivessem presas. A realidade seduz. Domina. E o esmaga. Você aceita tudo sem nenhum questionamento. Basta abrir os olhos. As imagens tomaram meus olhos. Em todo lugar é assim. O mundo se confunde com um filme. A maldita realidade. Alguém tomou controle de quem eu sou e me faz andar por aí. Parece que essa não é a minha vida, mas a de outra pessoa. Não é o meu mundo, não são os meus desejos. Há algo muito estranho no ar.